



Sobre Madeleine, os pais de Madeleine e os jornais¹

Beatriz Marocco²

Christa Berger³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS

RESUMO

Este artigo enfoca a produção jornalística sobre o desaparecimento de Madeleine McCann, em portais de informação de dois jornais de referência: o *Diário de Notícias*, de Lisboa e a *Folha de S. Paulo*, do Brasil Centrado em três peças, de um *corpus* de observação de 200 micro-relatos sobre o acontecimento, suspende as diferenças de gênero que dão consistência a esses textos, para explorá-los no nível discursivo, com o aporte da noção de arqueologia (FOUCAULT, 1995). A vinculação das práticas à mirada global das agências de informação (no caso as agências Reuters e France Press) e ao olhar local em relação ao acontecimento evidencia, mais concretamente, a presença da fábula ora na sombra do discurso jornalístico, ora no exercício de fabulação que cabe a nós, leitores.

PALAVRAS-CHAVE

Madeleine McCann; arqueologia; discurso jornalístico; acontecimento; fábula.

TEXTO DO TRABALHO

La fábula de un relato se aloja en el interior de las posibilidades míticas de la cultura; su escritura se aloja en el interior de las posibilidades de la lengua; su ficción, en el interior de las posibilidades del acto de habla (FOUCAULT, 1966).

Entre o desaparecimento de Madeleine McCann do quarto de hotel em que esteve hospedada com os pais e os irmãos, dia 3 de maio de 2007, e o pedido de desculpas dos jornais ingleses ao casal McCann, publicado no dia 20 de março de 2008, a mídia contou uma série de histórias em que Gerry e Kate invariavelmente ocuparam o centro e uma série de papéis: formaram uma dupla de pais irresponsáveis que deixou os filhos de “tão tenra idade” sozinhos em “casa” (note-se que as três crianças estavam em um

¹ Trabalho apresentado no I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, professora e pesquisadora da Unisinos, atualmente desenvolve a pesquisa A edição do tempo. Um estudo sobre a distensão do acontecimento e sua materialização como presente, passado e futuro no discurso jornalístico sobre a atualidade, com apoio do CNPq, e participa do Diretório de Pesquisa do CNPq Estudos em Jornalismo, email: bmarocco@unisinos.br

³ Jornalista, professora da Unisinos, pesquisadora do CNPq, atualmente desenvolve a pesquisa A memória no tempo do jornalismo e participa do Diretório de Pesquisa do CNPq Estudos em Jornalismo, email: christab@unisinos.br



quarto de hotel), foram um casal do bem associado ao desejo de ter filhos a ponto de recorrerem à fertilização *in vitro*, instrumentos do mal – principalmente a mãe – no provável assassinato da primogênita, e vigaristas que teriam desviado dinheiro do "fundo Madeleine", criado por amigos e parentes a fim de financiar a busca da menina desaparecida em Portugal, para pagar a hipoteca da casa em Leicestershire, centro da Inglaterra.

O texto que segue reconhece esse limiar de consenso na produção jornalística do acontecimento e, mais concretamente, enfoca alguns elementos singulares da cobertura feita por dois portais digitais de jornais de referência⁴: o *dn.pt* do *Diário de Notícias*, de Lisboa, a *Folha online* e a versão digital da *Folha de S. Paulo*, do Brasil. Para dar conta do que foi escrito, mediante o nome "Madeleine+McCann", observamos a fragmentação do acontecimento em cerca de 200 micro-relatos que estavam postados nos respectivos portais na internet no dia 20/03/2008. Em outro movimento, centradas em três peças, optamos por suspender as diferenças de gênero que dão consistência a esses textos (notícia e editorial), para explorá-los no nível discursivo em que se aproximam ou se afastam pelo que está materializado na superfície textual e nas camadas mais profundas, com o aporte da noção de arqueologia⁵. Mais concretamente, essa analítica localiza um extracampo sutil⁶ de onde faz emergir um conjunto de linhas pontilhadas⁷ que, numa dinâmica de relações enunciativas passado/presente, próxima do sentido foucaultiano de arquivo⁸, revela descontinuidades no modo de objetivação jornalística do acontecimento

4 Considera-se de referência o jornal que cumpre total ou parcialmente três funções básicas estabelecidas por Vidal Beneyto: "a) la de ser referencia imprescindible para los otros medios de comunicación, tanto escritos como audiovisuales, que no producirían sus propias opiniones o juicios sobre el tema sin tener antes conocimiento de las de estos diarios, refiriéndose o no de modo explícito a ellas; b) la de ser plataforma privilegiada para la presencia y expresión de los grandes líderes políticos, las grandes instituciones sociales, las asociaciones de carácter nacional, etc., cuando quieren dirigirse a los grupos rectores del país; c) la de servir a las cancellerías extranjeras de referencia prevalente sobre la realidad" (1986, p. 19-20; 1991, p. 201-212). Segundo J. P. Souza (2008), os jornais *Diário de Notícias* e *Público* são normalmente considerados os dois diários de qualidade de Portugal, servindo de referência e mesmo de fonte aos restantes órgãos jornalísticos.

⁵ Na introdução a *Michel Foucault. Tecnologías del yo*, Miguel Morey reproduz a seguinte nota manuscrita de Foucault, Documento D-250(12)/942.1988, localizado no Centre Michel Foucault, que nos parece abreviar densamente os procedimentos metódicos de Foucault adotados em sua obra: "Arqueologia: método para uma genealogia histórica, que toma como domínio de análise os acontecimentos; ligados por regras de práticas discursivas".

⁶ Referindo-se à fotografia, Barthes estabelece o *punctum* como um "extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver" (1984, p. 89).

⁷ A figura da linha pontilhada nos auxilia a propor uma trajetória provisória que dá direção aos movimentos de análise discursiva no interior do sistema do arquivo assim como esse foi proposto por M. Foucault (1995).

⁸ Entende-se aqui por arquivo, o presente midiaticizado em frações da realidade e da memória somando-se a esse um conjunto de enunciações dispersas, heterogêneas e atemporais que formam o saber histórico de uma sociedade sobre aquilo que a constitui e a diferencia de outras. O arquivo é, igualmente, um sistema de funcionamento, formado para retirar os enunciados da inércia em que se encontram no lugar onde as sucessões de sintaxe se definem. No sistema do arquivo, em seu sentido foucaultiano, à revelia da normatização jornalística vão ser precipitadas as conexões presentes nas camadas constitutivas superficiais e subterrâneas da materialidade discursiva.



e vincula as práticas ora à mirada global das agências de informação (no caso as agências Reuters e France Press), ora ao olhar local em relação ao acontecimento.

A menina dormia no quarto...

No *corpus* que formamos com o que foi publicado em ambiente digital, há elementos informativos estratégicos que configuram uma espécie de *starting point*. À semelhança do *punctum* barthesiano, fere a nós, leitores, que experimentamos o desejo de persegui-lo para além daquilo que está escrito, avançando no interior dos textos, entre os textos e nas temporalidades do passado correspondentes às camadas discursivas mais profundas. Desse modo, apontamos no fragmento abaixo (tomado como *starting point*) a possibilidade de formação de duas linhas imaginárias:

O desaparecimento da menina aconteceu na noite de quinta-feira (3), quando ela dormia num quarto de hotel de um complexo turístico da Praia da Luz, perto da cidade de Lagos (sudoeste), com seus irmãos gêmeos de dois anos no momento em que os pais desceram para jantar (*Folha online*, 05/05/2007, 17h55).

A primeira linha pontilhada, nos limites da notícia, percorre o que aconteceu na noite de quinta-feira, 3 de maio, “quando ela dormia num quarto de hotel de um complexo turístico da Praia da Luz, perto da cidade de Lagos (Portugal), com seus irmãos gêmeos de dois anos...”, é construída por duas figuras: de um narrador na forma de ausência, que recorre à composição em terceira pessoa; e de uma fonte (a polícia? os pais?), que não fica evidente com o uso de *shifters* testemunhais (verbos dicendi), e que teria sido ouvida para dar consistência à versão jornalística. Entretanto, o que está sendo posto por essa voz indeterminada, contribui para alinhar algo que ninguém viu. Quem poderia afirmar que naquele momento a menina “dormia”? Se desde certo instante, anterior ao desaparecimento, em que foi vista pelos pais e que, segundo eles, dormia, ninguém mais teve contato com ela, quem poderia afirmar que ela “dormia” no quarto no instante seguinte, no instante do seu desaparecimento, e que os seus irmãos de dois anos também dormiam?

Há diferentes modalidades de fonte jornalística instituídas pelo saber jornalístico como expressão de um contrato que transfere ao jornalista ausente a autoridade de quem esteve presente, viu ou ouviu alguém falar. Nesse sentido, as fontes funcionam como



auxiliares no relato, apresentando provas de veracidade. Entretanto, a fonte em questão com quem o jornalista teria obtido a informação – e existiu sim uma fonte, caso contrário os outros pontos de referência do relato não teriam correspondência com o “real”, ou seja, sem a fonte o acontecimento não teria acontecido ou sido reconhecido – não se enquadra no que prescreve o estatuto da fonte em relação à identificação. Para a fonte, sujeito autorizado a constatar e dar testemunho do que o jornalista não viu e/ou não pode dizer, que esse dispõe para se colocar numa posição de escuta, como mero reprodutor das palavras proferidas por outrem, o jornalismo reserva um nome próprio, ou da instituição a que pertence, ou o anonimato.

Assim, inscrita no espaço de um portal de jornalismo, e no marco da notícia, a objetivação da informação acima vai prescindir do estatuto da fonte de uma notícia e, em tal movimento, trará consigo as formas de dizer que nos permitem identificá-la com o universo das fábulas; a expressão “Era uma vez” assombrará o texto, mesmo deslocada espacialmente com o que se espera dela, ou seja, que viesse plantada na introdução do relato. Poder-se-ia contrapor que na íntegra, a notícia apresenta elementos informativos que dão conta da investigação policial e da ação dos pais da menina, que funcionariam como pistas e por proximidade da função testemunhal da fonte do último parágrafo. No entanto, o termo “dormia”, enquanto mera constatação do instante do desaparecimento trai a função testemunhal do jornalismo e sua estratégia recorrente de apoiar-se em fontes como testemunhas de veracidade (GOMES, 2003, p. 91). Daí a nossa hipótese da existência de uma lacuna para o exercício da fabulação na trama informativa.

05/05/2007 - 17h55./ Portugal investiga desaparecimento de menina inglesa de três anos/da France Press, em Lisboa./A polícia portuguesa procura uma menina inglesa, Madeleine McCann, 3, desaparecida desde quinta-feira (3) em Portugal. As autoridades defendem a tese de seqüestro./ As investigações sobre o caso prosseguiram neste sábado com o apoio de uma equipe de três agentes britânicos./ A polícia judiciária cancelou uma entrevista à imprensa prevista para a noite deste sábado, estimando não haver novidades a comunicar. Trabalham no caso 150 policiais portugueses. A tese mais recente é de que a pequena "Maddie" ainda esteja em território português. Os agentes dizem dispor de um retrato falado do seqüestrador, mas preferem não divulgá-lo por enquanto, para não colocar em perigo a vida da menina. Segundo a imprensa portuguesa, o seqüestrador seria um homem, mas a polícia não confirmou./ Após o desaparecimento, os pais da criança, em meio a uma crise de angústia, fizeram um apelo transmitido pela televisão portuguesa. "Pedimos a vocês, por favor, nos entreguem Madeleine"./ O desaparecimento da menina aconteceu na noite de quinta-feira (3), quando



ela dormia num quarto de hotel de um complexo turístico da Praia da Luz, perto da cidade de Lagos (sudoeste), com seus irmãos gêmeos de dois anos no momento em que os pais desceram para jantar (*Folha online*, 05/05/2007, 17h55).

No dia seguinte, tendo como fonte a agência Reuters, a *Folha de S. Paulo* em sua versão digital anuncia o mesmo acontecimento e a mesma certeza da polícia local de que a menina havia sido seqüestrada, embora a informação que o relato indiretamente parece atribuir aos pais, “Os pais de Madeleine McCann, Gerry e Kate, deixaram-na dormindo no chalé, na quinta-feira, com os outros dois filhos do casal, gêmeos de 2 anos. Quando voltaram não a encontraram mais”, não deixe a mesma lacuna da versão anterior para seguirmos traçando uma linha pontilhada. Nós leitores, nesta versão, ficamos sabendo da ação dos pais que “deixaram-na dormindo” e não que “O desaparecimento da menina aconteceu na noite de quinta-feira (3), quando ela dormia”. Mais do que isso, o texto informa que a janela do quarto havia sido forçada, iluminando um elemento que ganhará consistência em notícias que darão conta do processo de investigação policial.

Seqüestro/ Menina de 3 anos some da cama em hotel/ Da Reuters/ Uma menina britânica de 3 anos que desapareceu em um resort no Algarve, em Portugal, foi seqüestrada, disse a polícia local./ Os pais de Madeleine McCann, Gerry e Kate, deixaram-na dormindo no chalé, na quinta-feira, com os outros dois filhos do casal, gêmeos de 2 anos./ Quando voltaram não a encontraram mais”./ A janela do quarto havia sido forçada./ “Se você estiver com Madeleine, por favor deixe-a voltar para seus pais e irmãos”, implorou o pai, numa mensagem pela TV.

... no momento em que os pais desceram para jantar

A segunda linha pontilhada da notícia proveniente da France Press inicia com o “reconhecimento” de que os pais desceram para jantar deixando os filhos no quarto de hotel e que “quando voltaram não a encontraram mais”, devolve o relato ao registro informativo dos fragmentos anteriores e, simultaneamente, revela o espessor de duas dobras discursivas: do universo de produções da indústria cultural e do continente arcano que vincula os limites do “real” e da atualidade à fábula que se aloja no interior das possibilidades míticas da cultura.



O que permanece nessa camada subjacente à superfície do discurso jornalístico que pretendemos desdobrar se refere a uma condenação prévia do casal com base em valores ligados à regulação patriarcal das famílias e à maternidade perfeita. Segundo a psicanalista inglesa Rozsika Parker, as condições contemporâneas da maternidade vêm se tornando mais estáticas e idealizadas na mesma proporção que a mobilidade na vida das mulheres aumentou (1995, p. 18). Nesta zona de ambigüidade, o texto jornalístico faz a mediação entre os pais que desceram para jantar e um leitor possuído simultaneamente por relatos arcanos sobre mães que operam “como único sistema de sustentação para os seus filhinhos” e o desejo iminente que todos nós temos de “esquecer” os filhos, um desejo que nos negamos a recriminar em nós mesmos e que nos faz condenar os pais de Madeleine.

De um lado, no âmbito do mundo da vida, a “Virgem Maria” continua sólida no centro do relato unidimensional sobre maternidade; “embora possamos ridicularizá-lo, desmistificá-lo, alterá-lo, voltar-lhe as costas, ou desestruturá-lo, não podemos negá-lo” (PARKER, 1995, p. 51). O direito natural de amar o filho sem restrições, segundo Parker, permanece fossilizado nessa representação da “maternidade ideal” e seus atributos: espírito de renúncia, amor irrestrito, conhecimento intuitivo da criação de filhos e um prazer genuíno de cuidar de crianças, o que se desvia disso é atributo da “mãe-má” (trata mal, desleixada). Não é manifestação da maternidade. Nem mesmo o oxímoron “ser mãe é padecer no paraíso”, que cola no cotidiano contemporâneo, é suficientemente potente para deixar emergir os sentimentos de amor e ódio que coexistem nos impulsos da “ambivalência materna”, compartilhados de alguma forma por todas as mães:

A cultura em que vivemos desempenha um papel na produção da dificuldade, praticamente proibindo o tipo de discussão plena e de análise que revelariam a contribuição oculta que a ambivalência materna pode dar ao exercício criativo da maternidade (PARKER, 1995, p. 17).

A mídia tem-se revelado um dispositivo exemplar para manutenção e difusão de tudo isso em novos relatos. Na década de 1990, Parker localizou numerosas referências à responsabilidade dos pais por sintomas de crise da sociedade contemporânea. Por cinco dias seguidos, segundo Parker, o jornal inglês *The Guardian* publicou página inteira sobre “A armadilha dos pais” em que pais e mães eram inquestionavelmente os culpados por conflitos de rua, uso de drogas, anorexia e por um genérico “desrespeito



anárquico à lei, por parte dos jovens, que parecem cada vez mais refratários à persuasão”.

No rastro da série de filmes *Home Alone* (no Brasil, *Esqueceram de mim*, 1 e 2), a cobertura da mídia norte-americana e inglesa de dois casos de pais que esqueceram dos filhos em casa ao saírem em férias repercutiu a indignação dos leitores. Nos Estados Unidos, os pais foram chamados de “o casal mais odiado da América”, enquanto na Grã Bretanha a mãe solteira que havia deixado a filha em casa foi enquadrada na manchete “Matem a vagabunda”. A mãe solteira em questão colocou-se “à mercê dos jornalistas ao admitir a ambivalência de seus sentimentos pela filha, declarando: ‘Ela detesta que eu tenha alguma diversão e é muito ciumenta e mimada’” (PARKER, 1995, p. 161-162).

Recentemente, a dupla de psicanalistas gaúchos Diana e Mário Corso deu a entender que as coisas não mudaram muito nas últimas décadas e o que era válido, para entender o laço social que o jornalismo opera ao lembrar constantemente os pais de seus deveres para com os filhos em atos de descarga moralizante, ainda continua valendo.

Pai e mãe são julgados pelos resultados: diga como são teus filhos e te direi quem és! Essa pressão, aliada ao tratamento de reis que têm os pequenos de hoje, faz muitos recuarem. As taxas de natalidade baixam em países do primeiro mundo, o que sempre indica as tendências de por onde o futuro vai andar. Recente pesquisa apontou que 15% dos brasileiros que tiveram filhos, se pudessem voltariam atrás (ZH, 26/04/2008, Caderno de Cultura, p. 08).

Segundo dizem, fazendo eco com Parker, “ser pai não anda nada fácil, mas o que a sociedade conta sobre isso segue igual: ser pai é ultra bom, é a única atitude madura a tomar e não deve haver dúvidas de que será paixão à primeira vista e você vai amar seus filhos incondicionalmente” (Idem). Esta tensão entre sagrado e profano, fábula e cotidiano, torna indesejáveis até os desejos mais saudáveis em relação aos filhos.

Quem não desejou que eles [as crianças] tivessem botão de liga desliga, que eles se desmaterializassem naquele dia em que estavam insuportáveis e nós tão cansados? Qual o casal de amantes que não lembrou saudoso do tempo em que eles não existiam? Qual o pai ou a mãe que em alguma ocasião não teria desejado trocar o próprio filho por outro, aparentemente mais comportado ou bem sucedido? (Idem).



Uma menina desaparecida e a responsabilidade dos pais

Em dois momentos, a notícia da *Folha online* menciona os pais. Como sujeitos autorizados a falar sobre a filha, eles fazem um apelo transmitido pela televisão portuguesa, a uma entidade não identificada que introduz a suspeita de que a filha teria sido seqüestrada. Os pais pedem que lhes devolvam a filha e o jornal vai situá-los “em meio a uma crise de angústia”. Já o *Diário* nem menciona esse apelo, nem a angústia que enfrentam, dedicando-se a reduzir as dimensões do acontecimento à ação da polícia e às versões da mídia. A primeira delas, mais evidente, abriga a ação criminosa e todos os elementos que cristaliza, segundo o editorial, para atrair a atenção dos dois países, tanto assim que “já chegaram os media e polícias britânicos”. Nessa dimensão, o editorialista constata que há “mistério” e grande desconfiança em relação à polícia portuguesa, que demorou demais para tomar a iniciativa de controlar as fronteiras e divulgar as fotos da menina, sem, contudo, vincular diretamente o “mistério” à capacidade de investigação nacional.

Há aqui um mistério, com certeza uma ação criminosa, e há também, percebe-se pelas notícias vindas de fora, grande desconfiança em relação à capacidade de investigação nacional./ Não deixa de ser estranho, na verdade, que se tivesse demorado pelo menos 12 horas até as fronteiras terem passado a ser controladas e as fotos da menina, de três anos, divulgadas (06/05/2007).

O editorial do *Diário* vai acrescentar ao que está na *Folha online*, que corresponde às informações sobre as ações dos pais – da saída para jantar sem os filhos e do apelo que foi transmitido pela televisão portuguesa – uma dimensão de profundidade ligada à função de responsabilidade, moralmente atribuída ao parentesco, fazendo emergir na materialidade discursiva o que havia ficado a cargo de nós, leitores, no discurso informativo. O *Diário* interpela o leitor a se manter no campo da norma, que foi desrespeitada pelos pais da menina; embora claramente reprovada pelo jornal, a conduta dos pais de Madeleine, frisa o editorialista, não desvia o foco deste crime que “urge desvendar... a contento da felicidade familiar”. Segundo o *Diário*, “o caso da menina desaparecida no Algarve” é uma oportunidade para chamar a atenção dos pais [que não querem o mesmo que se passou com Madeleine para os filhos, pensaria o leitor] “para as responsabilidades que assumem quando geram uma vida”:

O foco deste caso, repete-se, é o crime que urge desvendar e, se possível, resolver a contento da felicidade familiar dos McCann. Mas esta é



igualmente uma boa oportunidade para chamar a atenção dos pais para as responsabilidades que assumem quando geram uma vida (06/05/2007).

O jornal português, em seguida, abandonará o projeto de controle da vida dos leitores em geral e de manutenção de um discurso que foge à sua competência mais imediata sobre os deveres da família para somar outro elemento à imagem dos ingleses. Trata-se de um casal de médicos que por sua formação poderia ter avaliado melhor o risco que corriam ao deixarem as crianças de “tão tenra idade” sem a vigilância “necessária de um adulto”. Nove meses depois, a repórter do *Diário* Helena Tecedeiro retomará essa idéia de proximidade do casal com a ciência referida pelo editorialista, exibindo um elemento informativo que aquele havia sonogado a nós, leitores, em detrimento de uma imagem social que nos aproxima da velha ilustração: o processo de fertilização *in vitro* que resultou na concepção dos três filhos e será o ponto de uma nova fabulação, desta vez em torno da “maternidade ideal” e com o auxílio de Kate, evidenciada pelo uso da aspa dando relevo à seguinte confissão: “A única coisa que eu sempre tive a certeza era que queria ser mãe...:

Mas para Kate McCann, o sonho de juventude foi difícil de concretizar. Casada desde 1998 com Gerry, o namorado dos tempos da faculdade, a médica teve de esperar até 2002 para ter a primeira filha. Após uma gravidez falhada, Madeleine nasceu por fertilização *in vitro*. "Era linda. Tinha um rosto perfeito" disse Kate em Agosto ao diário britânico *The Independent*.

No fragmento seguinte, como se fosse uma testemunha da harmonia da vida do casal, Tecedeiro se afastará definitivamente do episódio do desaparecimento da menina, apagará as suspeitas da polícia sobre a participação dos dois no assassinato, vinculando-os ao nascimento de Madeleine que dera “contornos de conto de fadas” ao casamento da médica de clínica geral com o cardiologista:

A partir do nascimento da primeira filha, a história de Kate e Gerry assumiu contornos de conto de fadas. A médica de clínica geral e o cardiologista voltaram a ser pais em 2005, desta vez dos gêmeos Sean e Amelie. A fertilização *in vitro* voltou a ser a solução para os seus problemas em conceber. Desta vez, o tratamento foi feito na Holanda para onde o casal fora viver para Gerry aperfeiçoar a sua especialidade. De volta ao Reino Unido, instalaram-se em Queniborough, pequena aldeia perto de Leicester. Foi aí que, em Fevereiro, nasceram os gêmeos. A falta de espaço levou-os a mudarem-se para uma vivenda no valor de 600 mil libras (880 mil euros) em Rothley, uma localidade vizinha. A partir do nascimento da primeira filha, a história de Kate e Gerry assumiu contornos de conto de fadas. A médica de clínica geral e o cardiologista voltaram a ser pais em 2005, desta vez dos gêmeos Sean e Amelie. A fertilização *in vitro* voltou a ser a solução para os



seus problemas em conceber. Desta vez, o tratamento foi feito na Holanda para onde o casal fora viver para Gerry aperfeiçoar a sua especialidade. De volta ao Reino Unido, instalaram-se em Queniborough, pequena aldeia perto de Leicester. Foi aí que, em Fevereiro, nasceram os gémeos. A falta de espaço levou-os a mudarem-se para uma vivenda no valor de 600 mil libras (880 mil euros) em Rothley, uma localidade vizinha (10/09/2007).

Considerações finais

Sobre os discursos dos portais de dois jornais de referência que analisamos com base no desaparecimento de Madeleine McCann poder-se-ia, ao final, registrar algumas considerações que não estão cristalizadas no que já foi dito. Uma delas se refere à idéia de fábula que se inscreve no discurso jornalístico e ao exercício de fabulação que cabe a nós, leitores. Na *Folha online*, observamos a ocorrência de uma lacuna; há algo no relato que nos fere e interpela na instância da moralidade, para que nos coloquemos a fabular, que aqui denominamos de *starting point*.

O *dn.pt*, ao contrário do que se constata na *Folha*, fornecerá uma multiplicidade de elementos que informam e simultaneamente apresentam pontos de vista sobre as relações de parentesco, o que se deve e o que não se deve fazer nesse particular, exercitando amplamente na superfície discursiva mesma o que se verifica no decorrer das fábulas e que no final é chamado de lição de moral.

Poder-se-ia reconhecer, assim, que a estrutura literária da fábula assombra e apóia o relato jornalístico no âmbito discursivo, quando esse se refere, como é o caso dos relatos que integram este estudo, a acontecimentos relacionados à esfera da moralidade, independentemente do gênero a que pertençam, seja ele notícia ou editorial. Com isso, mais do que ponto máximo de difusão dos discursos, em que se institui ao dar ouvido às múltiplas versões sobre Madeleine e os seus pais, ou evidenciando lacunas estratégicas, o jornalismo estaria deixando-se surpreender em sua outra face, em que funciona como dispositivo de poder cuja mecânica está fundamentada na banalização do “erro” para promover o que é “aceitável” e que estará ali, exposto no espaço do jornal, para ser seguido por todos nós na vida cotidiana. Nesse sentido, poder-se-ia reconhecer, que o jornal dá relevância às infrações à ordem estabelecida desejável, produz efeitos de saber que estabelecem laços entre norma e infração, induzem com a redundância diária do erro a interiorização de uma concepção desejável, indicam o que é formatar no



aceitável e a infração à ordem estabelecida e desejável (FOUCAULT, 2008, p. 5; GOMES, 2003, p. 86-91).

A incidência da fábula, por outro lado, estaria indicando nesta pequena amostra de textos e a modo de hipótese mais uma diferença entre o que foi associado por Gaye Tuchman à localização geográfica das organizações jornalísticas: do mesmo modo que dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial para estabelecer a missão informativa e os compromissos com os seus leitores particulares e organizar as rotinas produtivas (TUCHMAN, 1983, p. 39-40), os jornais manifestariam com a fábula ou a sua ausência marcada pela presença de um *starting point* estratégias globais ou locais que fazem circular com novos personagens e velhos papéis esse modo tão antigo de contar histórias em que se diz por redundância, “o que é ‘necessário’ pensar, reter, esperar, etc.” (FOUCAULT, 1993, p. 131; DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16-17; DELEUZE, 1990, p. 266).

REFERÊNCIAS

ABRIL, Gustavo. **Cortar y pegar**. Madri: Cátedra, 2003.

BARTHES, Roland. 1984. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CATULO, Kátia. Foram-se os McCann, vieram os portugueses. *Diário de Notícias*, 10/09/2007. Disponível:
http://www.dn.sapo.pt/2007/09/10/sociedade/foramse_mc_cann_vieram_p...,
acessado: 20/03/2008.

CORSO, Diana e CORSO, Mário. Cachorro que late não morde. *Zero Hora*, 26/04/2008, p. 08.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil platôs..Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

DIARIO DE NOTÍCIAS. Uma menina desaparecida e a responsabilidade dos pais. Editorial. Disponível: <http://dn.sapo.pt/2007/05/06/editorial/index.html>,
acessado: 20/03/2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. 2008. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



FOLHA ONLINE. Portugal investiga desaparecimento de menina inglesa de três anos. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u107089.shtml>, acessado: 20/03/2008.

FOLHA DE S. PAULO. Menina de 3 anos some da cama em hotel. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0605200715.htm>, acessado: 20/03/2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2003.

LANGER, Mary. **Maternidade e sexo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

MARQUES, Pedro Vilela. Jornais passam a defender pais de Maddie. *Diário de Notícias*, 20/03/2008. Disponível: http://dn.sapo.pt/2008/03/20/sociedade/jornais_passam_a_defender..., acessado: 25/05/2008.

MOREY, M. **Michel Foucault. Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990.

PARKER, R. **A mãe dividida, a experiência da ambivalência na maternidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SOUZA, Jorge Pedro. Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência: Os casos do Diário de Notícias e Público. Disponível: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estereotipizacao-discurso-fotojornalistico.html>, acessado: 25/05/2008.

TECEDERO, Helena. Um amor que atravessou continentes e sobreviveu à dificuldade em ter filhos. *Diário de Notícias*, 10/09/2007. Disponível: http://dn.sapo.pt/2007/09/10/sociedade/um_amor_atravessou_contin..., acessado: 20/03/2008.

VIDAL-BENEYTO, José. El espacio público de referencia dominante. In: J. VIDAL BENEYTO Y G. IMBERT (Coords.). **El País o la referencia dominante**. Mitre: Barcelona, 1986.

VIDAL-BENEYTO, José. 1991. **Diario de una ocasión perdida**. Kairós: Barcelona, 1991.